

GRAUS DE FIXAÇÃO: UMA ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES DO LÉXICO MILITAR

Sabrina Araújo PACHECO*

Comunicação apresentada no III Colóquio do PPG-Letras/UFRGS.

RESUMO: *A identificação e a interpretação de unidades fraseológicas são grandes desafios no estudo de um léxico. O objetivo deste trabalho foi identificar construções formadas por uma estrutura verbal e por um termo em regulamentos do Exército Brasileiro, bem como submetê-las aos testes sintáticos propostos por Gross (1996) para comprovar seus graus de fixação e verificar se podem ser consideradas unidades fraseológicas especializadas. Empregamos testes desenvolvidos para expressões da língua comum no reconhecimento de unidades militares porque entendemos, assim como Cabré (2006), que termos e construções linguísticas especializadas devem ser analisados e descritos como itens lexicais, pois, de acordo com a Teoria Comunicativa da Terminologia, fazem parte de língua geral e somente adquirem valor especializado por condições discursivas e pragmáticas.*

PALAVRAS-CHAVE: *léxico – unidades fraseológicas – sintaxe – linguagem militar.*

RESUMEN: *La identificación y la interpretación de unidades fraseológicas son grandes desafíos en el estudio de un léxico. El objetivo de este trabajo fue identificar construcciones formadas por una estructura verbal y un término en reglamentos del Ejército Brasileño, bien como someterlas a los tests sintáticos propuestos por Gross (1996) para comprobar sus grados de fijación y verificar si pueden ser consideradas unidades fraseológicas especializadas. Empleamos tests desarrollados para expresiones de la lengua común en el reconocimiento de unidades militares porque entendemos, así como Cabré (2006), que términos y construcciones lingüísticas especializadas deben ser analizados y descritos como ítems lexicales, pues, de acuerdo con la Teoría Comunicativa de la Terminología, hacen parte de la lengua general y solamente adquieran valor especializado por condiciones discursivas y pragmáticas.*

PALABRAS-CLAVES: *léxico – unidades fraseológicas – sintaxis – lenguaje militar.*

INTRODUÇÃO

Os Estudos do Léxico têm como objeto as unidades lexicais da língua, chamadas por Polguère (2003) de *lexias*. Esse autor observa que a noção de *lexia* não se entende facilmente de forma isolada e, para explicá-la, aborda outros conceitos que estão intimamente ligados: *lexema* e formas de palavra. Para ele, *lexema* é um elemento básico do conhecimento lexical, uma entidade geral que se materializa nas frases pelas formas de palavras específicas e a *lexia* é a realização concreta das diferentes possibilidades de formas de palavras. Os exemplos a seguir ilustram as definições do autor.

- CACHORRO – É um *lexema*. Deve ser grafado em maiúsculas.
- *Cachorro, cachorros* – São formas de palavras no singular e no plural. Devem ser grafadas em itálico, pois constituem signos linguísticos.

* Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

- O cachorro de Paulo é feroz. – O item lexical sublinhado é uma lexia.

O autor entende que todo lexema é uma lexia, entretanto o contrário não é verdadeiro. Segundo Polguère (2003), algumas lexias não são lexemas, sendo formalmente constituídas de expressões linguísticas complexas. O autor chama essas construções de colocações e de locuções e ressalta que sua característica geral é o fato de não apresentarem composicionalidade semântica, isto é, de não poderem ser interpretadas pela soma dos significados de seus elementos constituintes. As colocações são definidas por ele como expressões semi-idiomáticas e as locuções como expressões idiomáticas.

É importante salientar que, neste trabalho, analisamos esse tipo de expressões, colocações e locuções, no discurso militar. Assim como Pastor (1996)¹, consideramos tais expressões como Unidades Fraseológicas (UF) e usaremos essa nomenclatura ao longo do texto.

O objetivo deste trabalho é identificar construções formadas por um verbo, ou locução verbal, e um termo militar em regulamentos do Exército Brasileiro, assim como submetê-las aos testes sintáticos desenvolvidos por Gross (1996) para constatar sua fixação e concluir se são, de fato, Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE). Para reconhecermos tais unidades no discurso examinado, tomamos como base as características apresentadas por Pastor (1996) e Gross (1996) na definição das UF da língua comum.

Empregamos definições e testes propostos para as UF da língua comum em unidades militares porque, segundo Cabré (2006), a Teoria Comunicativa da Terminologia não concebe os termos e as UFE separados das lexias, mas sim como lexias de valores especializados que fazem parte da linguagem de uma área técnica ou de uma ciência.

CARACTERIZAÇÃO DAS UF

A DEFINIÇÃO DE PASTOR (1996)

Essa autora teve um papel muito importante no desenvolvimento dos estudos fraseológicos do espanhol, pois escreveu um manual de fraseologia no qual analisou expressões desse idioma. Em sua obra, apresentou pesquisas de diversos autores sobre o tema e, com base nessas pesquisas, elaborou uma definição para as UF, além de propor uma classificação para tais unidades. Para ela, as UF são formadas por dois ou mais itens lexicais, estão institucionalizadas, são estáveis em diversos graus, apresentam

¹ Em seu manual de fraseologia da língua espanhola, a autora divide as UF em unidades que não constituem enunciados, "colocações" e "locuções", e unidades que constituem enunciados, "parêmsias" e "fórmulas rotineiras".

peculiaridades sintáticas e/ou semânticas e possibilitam a variação de seus elementos integrantes. A seguir, elucidamos as propriedades apresentadas pela autora para a caracterização das UF da Língua Espanhola.

Pastor (1996), inicialmente, chamou a atenção para o critério da frequência de aparição concomitante dos elementos que constituem essas unidades. Segundo a autora, a repetição, o uso frequente de uma UF pode acarretar a sua institucionalização². Neste trabalho, analisamos as construções que apareceram duas ou mais vezes nos regulamentos examinados.

A segunda característica apresentada por Pastor (1996) é a estabilidade das UF. Ao definir estabilidade, aborda duas noções essenciais para a compreensão e o reconhecimento dessas unidades: fixação³ e especialização semântica. A fixação interna é de ordem formal. A autora, para explicar esse fenômeno, citou a classificação de Zuluaga (1975) que dividiu a fixação em: fixação de ordem dos componentes; fixação de categorias gramaticais (de tempo, pessoa, número, gênero) e fixação do inventário dos componentes, isto é, a impossibilidade de acrescentar, suprimir ou substituir os termos. Em relação à especialização semântica, Pastor (1996) destacou que, primeiramente, por meio do uso, produz-se uma fixação e, posteriormente, como consequência, é possível que a expressão que sofreu esse processo apresente uma mudança de sentido. Na concepção da autora, toda a expressão que possui uma especialidade semântica é fixa, mas o contrário nem sempre é verdadeiro.

Outra noção abordada por Pastor (1996) foi a de idiomatismo, definido por ela como a especialização semântica em seu grau mais elevado. Conforme a autora, as UF consideradas idiomatismos são aquelas em que o significado não pode ser deduzido pela soma de seus elementos constituintes, como em *A menina tem os olhos maiores que a barriga*.

Pastor (1996) também tratou do fenômeno da variação, ressaltando que algumas UF apresentam variantes. A expressão *Tudo fica em família* é variante de *Tudo fica em casa*, por exemplo.

A última característica abordada pela autora foi o grau. Pastor (1996) explicou que as UF possuem todas essas características citadas em diversos graus. Essa escala gradual ocorre não só na estrutura formal e nas propriedades semânticas, mas também na institucionalização e na variação das UF.

Após definir as UF, bem como expor e discutir classificações propostas por diferentes autores para essas unidades, a autora apresentou sua classificação para as UF do espanhol, combinando o critério do enunciado com o da fixação na norma, no sistema ou na fala. A proposta da autora está resumida no quadro abaixo.

| Unidades Fraseológicas | |
|-----------------------------|-----------------------------|
| - enunciado [- ato de fala] | + enunciado [+ ato de fala] |

² Gross (1996) não aborda o critério de frequência para a identificação de expressões fixas, congeladas.

³ A autora menciona que algumas expressões são reproduzidas na fala ou na escrita como combinações previamente estabelecidas. Trata-se de uma fixação arbitrária e sancionada pelo uso.

| | | |
|--|---|--|
| Fixação na norma Esfera I colocações | Fixação no sistema Esfera II locuções | Fixação na fala Esfera III parêmas e fórmulas rotineiras |
|--|---|--|

Pastor (1996) dividiu as UF em unidades que não constituem enunciados completos e unidades que constituem enunciados completos. Neste trabalho, tratamos das construções do primeiro tipo, aquelas que funcionam como elementos oracionais: colocações e locuções.

Para a autora, as colocações são unidades fraseológicas que, do ponto de vista do sistema da língua, são sintagmas livres, gerados a partir de regras, porém, ao mesmo tempo, possuem restrição combinatória, isto é, fixação interna. Essa restrição é o que distingue as colocações das combinações livres de itens lexicais. Quanto ao sentido, as colocações apresentam composicionalidade semântica, o que as difere de algumas locuções.

Pastor (1996) observou que algumas combinações estáveis parecem estar no limite entre colocações e expressões idiomáticas, como *levantar uma calúnia*. Nessa sequência, o verbo *levantar* está sendo empregado em um sentido figurado e *calúnia* não admite substituição. **Levantar uma falsidade* não seria uma combinação possível. O que faz com que essa combinação seja uma colocação é sua relativa composicionalidade semântica, bem como o fato de ser modificada livremente (*Levantou terríveis calúnias/Levantou calúnias terrivelmente desagradáveis*).

A autora definiu locuções como UF da língua que possuem fixação interna, unidade de significado e fixação externa *pasemática*⁴. Observou que algumas locuções, apesar de apresentarem certa fixação, ainda podem ser interpretadas por meio da soma dos significados de seus componentes, apresentando um sentido literal ou composicional. Em contrapartida, certas locuções não podem ser lidas de forma literal, seus sentidos não são dedutíveis a partir de seus elementos constitutivos.

Por meio das definições apresentadas por Pastor (1996), entendemos que a autora considera colocações as construções que possuem restrições combinatórias, porém permitem modificações transformacionais, como a inserção de elementos, adjetivos ou advérbios, bem como a inversão da ordem dos componentes. Quanto às propriedades semânticas, as colocações apresentam sentido composicional. Já as locuções, para a autora, são combinatórias com fixação interna, as quais não permitem modificações transformacionais. Semanticamente, podem apresentar sentido composicional ou não. Concluímos que a diferença entre colocações e locuções está, conforme Pastor (1996), nos aspectos sintáticos, na fixação interna dessas unidades. Em uma escala gradual, as locuções são, portanto, mais fixas que as colocações.

Entendemos, assim como a autora, que as UF possuem diversos graus de fixação e, principalmente, que a condição para que sejam consideradas UF é o fato de serem

⁴ De acordo com Thun (1978 *apud* Pastor, 1996), esse tipo de fixação surge no emprego de unidades linguísticas, segundo o papel do falante no ato comunicativo.

fixas, de forma parcial ou total. Por esse motivo, tomamos como base as características e os testes propostos por Gross (1996), os quais permitem comprovar se uma construção linguística apresenta fixação.

A DEFINIÇÃO DE GROSS (1996)

Gross (1996) empregou a denominação *expressions figées* para tratar de expressões fixas, congeladas, principal característica das UF⁵. Apresentou as propriedades dessas construções linguísticas, bem como testes sintáticos que servem para a comprovação de seus graus de fixação. Por meio dos testes propostos por esse autor, é possível constatar se uma expressão pode ser considerada uma UF. Apesar de ter focado seus estudos em aspectos sintáticos, Gross (1996) ressaltou que a opacidade semântica e as restrições sintáticas ocorrem juntas.

Inicialmente o autor abordou a questão da opacidade semântica, afirmando que, diferentemente de sequências livres, as expressões fixas não possuem sentido composicional. Gross (1996) destacou que a opacidade semântica é um fenômeno escalar, podendo ocorrer de forma total, como em *bater as botas*, ou de forma parcial, como em *estar uma arara*, em que o verbo ainda preserva seu sentido usual.

A noção de bloqueio das propriedades transformacionais apresentada pelo autor foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Segundo Gross (1996), as construções livres, não congeladas, podem sofrer modificações "transformacionais", diferentemente das construções fixas. Propôs, então, cinco testes para comprovar se uma expressão é livre ou se apresenta fixação.

A seguir, listamos os testes desenvolvidos por Gross (1996) com o exemplo de construção livre empregado pelo autor⁶ e com um exemplo da linguagem militar que consideramos uma UFE.

| Testes sintáticos | Construção livre | UFE militar |
|-------------------|-----------------------------------|----------------------------------|
| | A criança leu este livro. | O militar fez sentido. |
| Apassivização | Este livro foi lido pela criança. | *Sentido foi feito pelo militar. |
| Pronominalização | A criança o leu. | *O militar o fez. |
| Deslocamento | Este livro, a criança leu. | *Sentido, o militar fez. |
| Extração | É este livro que a criança leu. | *É sentido que o militar fez. |
| Relativização | O livro que a criança leu. | *Sentido que o militar fez. |

De acordo com o autor, construções livres podem sofrer todas as transformações apresentadas. Entretanto, expressões fixas, totalmente congeladas, bloqueiam tais transformações para manter seu significado. Para Gross (1996), sequências que bloqueiam alguns testes, mas passam em outros são parcialmente fixas. Já as

⁵ Esse autor analisou as construções da Língua Francesa.

⁶ O exemplo utilizado pelo autor para ilustrar as propriedades transformacionais está em francês. Apresentamos, aqui, nossa tradução para esse exemplo.

construções que não permitem nenhum tipo de modificação são consideradas totalmente fixas. O autor ressaltou que a opacidade semântica e as restrições sintáticas caminham juntas, diferentemente da proposta de Pastor (1996), que considerou a fixação sintática como condição para a especialização semântica.

Gross (1996) observou que construções com fixação ou congelamento total, nas quais não há liberdade de nenhum dos elementos, como em *bater as asas*, não são as mais frequentes. A fixação que mais ocorre na língua é a parcial, aquela em que somente um subconjunto é fixo, como na expressão *Ele fala pelos cotovelos*.

O autor chamou a atenção para um tipo de fixação em que há liberdade lexical, ou seja, um elemento de uma sequência considerada opaca pode ser substituído por outro sem mudar o sentido, como em *ter amor à vida*, em que o item *vida* pode ser substituído por *pele* sem prejudicar o sentido da expressão: *ter amor à pele*.

Gross (1996) abordou também o bloqueio dos paradigmas sinonímicos em construções fixas, salientando a impossibilidade de substituir itens de uma expressão congelada por seus sinônimos.

A última característica mencionada por Gross (1996) foi a não-inserção, isto é, a impossibilidade de colocar outros elementos, como um adjetivo ou advérbio, em construções fixas. A sequência *um colarinho branco* não admite outros elementos entre seus constituintes. Não se pode dizer * *um colarinho muito branco*, por exemplo.

A partir das características apresentadas por Pastor (1996) e Gross (1996) para as UF, pesquisamos "possíveis" UFE militares em regulamentos do Exército Brasileiro e as submetemos aos testes de Gross (1996) para confirmar sua fixação. Realizamos esse exercício com 48 construções linguísticas. Após a aplicação dos testes sintáticos, dividimos tais construções em "livres", "parcialmente fixas" e "totalmente fixas". Entendemos que as expressões com fixação parcial e total são UFE militares.

De acordo com Cruse (1991), as construções totalmente fixas, chamadas por ele de expressões idiomáticas, são constituintes semânticos e, portanto, lexias. Consideramos importante identificar e analisar essas construções tanto na língua comum como em linguagens de especialidade, pois são fundamentais para o estudo de um léxico.

O DISCURSO MILITAR

É importante ressaltar que a linguagem militar é aquela que pertence às Forças Armadas, Exército, Marinha e Aeronáutica, de forma geral ou específica. Uma expressão empregada nas três forças, como *tirar serviço*, é considerada militar, assim como uma expressão restrita à Aeronáutica, como *abastecer a aeronave*, por exemplo. Dessa forma, as construções analisadas neste trabalho são aquelas utilizadas pelas três forças ou pertencentes somente ao Exército. As unidades específicas da Marinha e da Aeronáutica não foram examinadas.

A linguagem militar ainda é pouco explorada pelos linguistas, provas disso são a carência de pesquisas e a existência de um número pequeno de dicionários e glossários

desse discurso especializado. Os dicionários da área são quase todos bilíngues. Os mais encontrados em bibliotecas do Exército Brasileiro são: Dicionário Inglês-Português de Termos Militares (1960), de Homero de Castro Jobim, e Dicionário de Termos Militares Português-Inglês/Inglês-Português (1980), editado pelo Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias. Essas obras foram compiladas por militares com a finalidade de preparar e auxiliar oficiais, sargentos e soldados brasileiros designados para servirem em missões no exterior. O léxico desses dicionários foi retirado de livros de estratégia militar e regulamentos norte-americanos e ingleses.

A consulta a essas obras foi importante para nos certificarmos se alguns vocábulos ou combinações são, de fato, considerados termos militares pelos profissionais da área.

As fontes utilizadas para a pesquisa das "candidatas" a UFE foram oito regulamentos internos do Exército Brasileiro, os quais estabelecem normas de conduta, de acordo com a hierarquia e disciplina, e descrevem as atividades, atribuições e responsabilidades dos militares conforme seus cargos e suas funções. O *corpus* deste trabalho é formado pelos seguintes regulamentos: Regulamento Interno e dos Serviços Gerais, Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas, Regulamento de Administração do Exército, Regulamento Disciplinar do Exército, Regulamento do Comando de Operações Terrestres, Regulamento da Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial, Regulamento dos Colégios Militares e Regulamento de Preceitos Comuns aos Estabelecimentos de Ensino do Exército.

SELEÇÃO DAS EXPRESSÕES EXAMINADAS

A diferença básica entre a fraseologia da língua comum e a fraseologia da linguagem de especialidade é que esta última, segundo Bevilacqua (1996), apresenta um termo entre seus elementos constituintes.

Para um melhor entendimento de nosso objeto de estudo em discursos especializados, consideramos importante a diferença entre termo e UFE estabelecida por Gouadec (1994). Segundo o autor, o termo designa um conceito, um objeto ou um processo. Quando uma sequência deixa de designar e passa a expressar é considerada uma UFE. A frase *O soldado deve sair de serviço após 24 horas* ilustra essa definição. *Serviço* é um termo militar e forma a expressão *sair de serviço*, que expressa uma atividade, sendo considerada, portanto, uma UFE.

Com base nas definições de Pastor (1996) e Gross (1996) para as UF e nos conceitos apresentados por Bevilacqua (1996) e Gouadec (1994) sobre as UFE, buscamos construções formadas por termos militares e verbos com o auxílio da ferramenta *AntConc*. Inicialmente pesquisamos os termos militares para, mais tarde, verificarmos com que estruturas verbais eles se combinam.

Para este trabalho, não foi possível examinar detalhadamente todos os termos existentes nos regulamentos pesquisados, bem como suas combinações com estruturas

verbais. Decidimos, então, buscar todas as construções formadas pelos quatro termos que apresentam um maior número de ocorrências: *comandante, militar, serviço e oficial*.

A verificação das expressões nos textos em que ocorrem foi importante para o reconhecimento de unidades militares, pois, de acordo com Cabré (2006), os aspectos comunicativos são indispensáveis para analisar e explicar a ativação do valor terminológico das unidades léxicas.

ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES MILITARES

Encontramos 49 combinações dos termos pesquisados com verbos. Para submetê-las aos testes de Gross (1996), observamos tais combinações nas frases em que ocorrem.

A expressão *substitui o comandante*, por exemplo, foi empregada no seguinte contexto: *Fora do horário do expediente, o oficial do dia substitui o comandante*. Aplicamos os testes para confirmar se essa expressão sofre transformações sintáticas sem alterar seu sentido.

- (1) a. comandante é substituído pelo oficial do dia.
- b. O oficial do dia o substitui.
- c. O comandante, o oficial do dia substitui.
- d. É o comandante que o oficial do dia substitui.
- e. O comandante que o oficial do dia substitui.

A sequência *substitui o comandante* sofre todas as modificações sem que seu sentido seja prejudicado. Além disso, é possível trocar o verbo *substituir* por outro, preservando o significado, como em *O oficial do dia representa o comandante*, ou *O oficial do dia fica no lugar do comandante*. Trata-se, portanto, de uma construção livre.

Já a expressão *assume o serviço*, usada na frase *O militar assume o serviço após a parada diária*, parece não possuir a mesma liberdade.

- (2) a. O serviço é assumido pelo militar.
- b. O militar o assume.
- c. O serviço, o militar assume.
- d. *É o serviço que o militar assume.
- e. *O serviço que o militar assume.

Nesse caso, acreditamos que a primeira transformação, para a voz passiva, é aceitável. As modificações (2b) e (2c) não são muito utilizadas na linguagem militar, mas até poderiam, pois ainda preservam o sentido. No entanto, as outras, (2d) e (2e),

parecem interferir no significado da expressão. A construção *assume o serviço* não permite a substituição de nenhum de seus elementos por outros, embora seu sentido seja composicional. Há, sem dúvida, restrições sintáticas. Por esse motivo, entendemos que essa construção apresenta fixação parcial, sendo considerada uma UFE militar.

A expressão *tira serviço*, encontrada no contexto *O soldado tira serviço com o uniforme 4ºAI*, parece bloquear todas as transformações.

- (3) a. *O serviço é tirado pelo soldado.
- b. *O soldado o tira.
- c. *O serviço, o soldado tira.
- d. *É o serviço que o soldado tira.
- e. *O serviço que o soldado tira.

Nessa expressão, o verbo tirar não está sendo empregado com seus sentidos usuais (puxar, extrair, arrancar, sacar, arremessar, atirar, etc.). Tal expressão possui opacidade semântica, visto que o sentido não é composicional, o que reflete em sua estrutura interna, isto é, na impossibilidade de inserção de um elemento, na inversão dos constituintes, bem como na substituição do verbo por outro de mesmo sentido. Dessa forma, concluímos que essa construção é completamente fixa, congelada, e, portanto, também constitui uma UFE militar.

Realizamos os testes sintáticos de Gross (1996) com as demais construções, dividindo-as em: "construções livres", "construções parcialmente fixas" e "construções fixas", estas duas últimas consideramos UFE militares. O resultado dessa classificação pode ser observado na tabela abaixo.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES MILITARES

| Construções livres | Construções parcialmente fixas (UFE) | Construções fixas (UFE) |
|--|---|---|
| acompanhar a Instrução Militar avaliar a Instrução Militar cabe ao comandante cabe ao oficial cabará ao comandante chamar o militar compareçam ao serviço compete ao comandante compreende o serviço designa um oficial designar outro oficial designará um oficial | acompanhar o comandante assessorar o comandante assume o serviço assumir o serviço auxiliar o oficial coordenar o serviço concorrem ao serviço concorrer ao serviço deixar o comandante deixar o oficial fazer o serviço obter prorrogação do serviço ouvir o militar | dirigir o serviço entrar de serviço escalar o serviço está entrando de serviço estar de serviço permaneça em serviço receber o serviço sair de serviço tira serviço |

| | | |
|--|---|--|
| deve designar um oficial entrar em Organização Militar fiscalizar o serviço participar ao comandante participar do serviço portar a Identidade Militar procurar o comandante propor ao comandante substitui o comandante substituir o comandante usar o militar | permutar serviço prestar o serviço prestar continência a oficial receber o militar | |
|--|---|--|

Das 49 expressões examinadas⁷, 23 são construções livres e 26, somando as expressões parcialmente fixas e as fixas, são UFE. Por meio da pesquisa e da análise realizada, confirmamos a produtividade das UFE na linguagem militar. Além disso, comprovamos que as construções com fixação total, como ressaltou Gross (1996), não são as mais frequentes. As UFE que mais aparecem nos regulamentos analisados são as com fixação parcial.

Observamos que o fator fundamental para que uma expressão seja uma UFE é a relação semântica estabelecida entre o verbo e o termo. As UFE militares que identificamos possuem apenas quatro termos do Exército Brasileiro. Não há dúvida quanto ao conhecimento especializado que transmitem esses termos. Em relação aos verbos, verificamos que, se analisados separadamente, não veiculam conhecimento específico da área militar. Somente na relação com os termos é que as estruturas verbais adquirem um significado restrito ao âmbito do Exército, como podemos observar nas unidades *entrar de serviço* e *prestar continência*. Essas unidades apresentam verbos empregados com frequência na língua comum, porém - quando combinados com os termos *serviço* e *continência* - expressam ações típicas do meio militar.

É importante salientar que, apesar de os termos serem especializados, nem todas as expressões formadas por eles são UFE. A expressão *chamar o militar*, mesmo sendo formada por um termo, não transmite conhecimento específico da área militar. A relação semântica entre o verbo e o termo, portanto, é essencial para saber se uma expressão é, realmente, uma UFE.

No discurso militar, entendemos que a opacidade semântica e as restrições sintáticas ocorrem juntas, como destacou Gross (1996). A expressão *fazer sentido*, já citada, na língua comum permite algumas modificações. É possível dizer, por exemplo, *Isso não faz muito sentido*. No entanto, na linguagem militar, tal unidade apresenta uma especialização semântica⁸, não permitindo esse tipo de inserção, bem como qualquer

⁷ É importante ressaltar que examinamos somente as construções que apresentam duas ou mais ocorrências no *corpus* analisado.

⁸ Para o Exército, *fazer sentido* é executar um movimento rápido, tomando uma posição em que o corpo fica ereto e as mãos coladas às coxas.

outra modificação. Não se pode dizer, por exemplo, *O soldado fez pouco sentido* ou *O militar deve fazer muito sentido diante de seu comandante*. Esse enfoque difere da proposta de Pastor (1996), pois, para essa autora, primeiro se dá a fixação sintática e, conseqüentemente, pode ocorrer, ou não, a fixação semântica.

Por meio das unidades encontradas, é possível ter uma noção de como são formadas as UFE militares e de algumas de suas propriedades sintático-semânticas. Contudo, é importante salientar que este é um estudo preliminar, pois foram pesquisados oito dos regulamentos do Exército Brasileiro e expressões formadas por apenas quatro dos termos desse discurso. Para se chegar a uma conclusão mais representativa acerca da fraseologia militar, é necessário examinar mais regulamentos, bem como uma quantidade maior de expressões militares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi identificar construções militares formadas por uma estrutura verbal e um termo, além de submetê-las aos testes sintáticos de Gross (1996), com a finalidade de verificar seus graus de fixação. Para tanto, em um primeiro momento, realizamos um estudo das UF na língua comum, tomando como base as noções apresentadas por Pastor (1996) e Gross (1996). Posteriormente, para um melhor entendimento de nosso objeto de estudo, as expressões militares, examinamos os conceitos propostos por Bevilacqua (1996) e Gouadec (1994) para as UFE. Pesquisamos construções militares em regulamentos do Exército Brasileiro e, finalmente, aplicamos os testes de Gross (1996) para averiguar sua fixação e classificá-las em construções livres ou UFE militares.

Os testes sintáticos de Gross (1996), desenvolvidos para expressões da língua comum, foram eficazes na análise de construções da linguagem militar, reforçando os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia, a qual assegura que as unidades de significação de discursos especializados devem ser analisadas como as lexias da língua. Por meio dos testes de Gross (1996), comprovamos a produtividade das unidades "parcialmente fixas" e "fixas" nos regulamentos analisados. Além disso, constatamos o caráter fundamental das relações semânticas entre a estrutura verbal e o termo para que uma unidade possua um valor especializado, sendo, portanto, uma UFE militar.

Este trabalho, como já foi mencionado, não traz dados definitivos acerca das UFE militares, mas apresenta uma noção de como são formadas tais unidades. Em pesquisas futuras, serão necessárias a busca e a análise de um maior número de expressões militares, bem como uma descrição mais detalhada de seus aspectos sintático-semânticos.

REFERÊNCIAS

- BEVILACQUA, C. R. A fraseologia jurídico-ambiental. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Letras, 1996.
- CABRÉ, M. T. Morfología y terminología. En Felú, Elena. *La morfología a debate*. Jaén: Universidad de Jaén, p. 131-144, 2006.
- CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge: PSUC, 1991.
- DICIONÁRIO DE TERMOS MILITARES PORTUGUÊS-INGLÊS INGLÊS-PORTUGUÊS. S.l.: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1980.
- GOUADEC, D. Nature et traitement des entités phraséologiques. *Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs: Actes de la deuxième Université d'Automne en Terminologie*. Paris: La Maison du Dictionnaire, p. 167-193, 1994.
- GROSS, G. *Les expressions figées en français*. Paris: Ophrys, 1996.
- JOBIM, H. C. *Dicionário Inglês-Português de Termos Militares*. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1960.
- PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
- POLGUÈRE, A. *Lexicologie et sémantique lexicale: notions fondamentales*. Montréal: Les presses de L'Université de Montréal, 2003.
- REGULAMENTO Interno e dos Serviços Gerais, Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas, Regulamento de Administração do Exército, Regulamento Disciplinar do Exército, Regulamento do Comando de Operações Terrestres, Regulamento da Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial, Regulamento dos Colégios Militares e Regulamento de Preceitos Comuns aos Estabelecimentos de Ensino do Exército. Disponível em: <<http://www.cmpa.tche.br>>. Acesso em: 25 Abr. 2011.
- ZULUAGA, A. La fijación fraseológica. *Thesaurus XXX*, p. 225-248, 1975.